

A dívida: uma bomba atômica, segundo Kissinger.

Dívida atômica.

O ex-secretário de Estado dos EUA considera que a moratória brasileira reabre uma crise perigosa

"Uma bomba atômica chamada dívida". Este é o título de um longo artigo assinado por Henry Kissinger, publicado ontem por **La Stampa**, de Turim, no qual faz uma análise da situação dos países devedores da América Latina e das consequências nefastas que poderia provocar sobre a economia mundial se todas as nações declarassem uma moratória como a do Brasil.

Com a decisão brasileira, afirma o ex-secretário de Estado norte-americano, "reabre-se uma crise tão perigosa quanto deixada de lado", com "o perigo de contágio". Ele considera que "Veneza será uma ocasião para analisar um sistema que se tornou ingovernável", aludindo à reunião de cúpula dos países mais industrializados do Ocidente, em junho.

Em artigo publicado no diário **The Washington Post**, Kissinger também estima que a moratória brasileira "é sintoma de uma crise que conduz à paralisia política dos devedores, ao desastre financeiro dos credores e a um confronto permanente Norte-Sul".

O ex-secretário de Estado afirma que "o reconhecimento desta realidade deve ser o catalizador para que as democracias ocidentais se dediquem, em ação conjunta, a uma política de crescimento global".

Kissinger considera que o Hemisfério Ocidental "necessita urgentemente de um esquema internacional que desempenhe um papel psicológico equivalente" ao do Plano Marshall, implementado pelos Estados Unidos em 1948 para a reconstrução da Europa e para evitar sua radicalização política.

Em qualquer conflito entre os Estados Unidos e o Brasil, afirma, "somente pode haver perdedores" e adverte que, se o crescimento brasileiro se detém, "sua crise interna piorará e forças políticas populistas, antimercedo e antinorte-americanas se fortalecerão perigosamente, justamente quando começa a redigir-se uma Constituição democrática". E assinala o papel de líder que o Brasil pode desempenhar na América Latina.

Kissinger afirma ainda que "algo funciona mal em um sistema de lidar com a crise que a cada ano produz um confronto com um país importante diferente sobre o mesmo conjunto de problemas essenciais".



Kissinger: crise perigosa.



Fidel: mecanismo diabólico.

O ex-secretário de Estado reconhece o fracasso do Plano Baker, anunciado há um ano e meio: "Enquanto isso, a dívida externa latino-americana aumentou de US\$ 280 bilhões em 1982 para quase US\$ 400 bilhões hoje em dia".

Kissinger destaca a criação de reservas para perdas dos bancos, especialmente a do Citicorp, que destinou US\$ 3 bilhões para débitos incobráveis da América Latina.

Ele considera que o atual sistema de negociação da dívida conduziu à criação de "um cartel de devedores de fato", dado que as concessões "especiais" concedidas a um devedor são reclamadas e recebidas pelos outros.

Após assinalar a queda de US\$ 15 bilhões na balança comercial dos Estados Unidos com a América Latina desde 1982, Kissinger consi-

dera que uma "prudente política norte-americana" seria manter aberta a opção de criar um "bloco comercial" no Hemisfério Ocidental "unido em parte por vínculos econômicos e políticos", mesmo que insatisfatório para o livre comércio.

O esquema internacional "com efeitos psicológicos similares aos do Plano Marshall" proposto por Kissinger contém os seguintes pontos: uma reforma de procedimento que estenda o enfoque atual de curto prazo por um compromisso recíproco de longo prazo; a criação de um fundo de capital para gerar uma meta de crescimento, baseada nesses firmes compromissos; e o estabelecimento de um teto ao pagamento de juros para tornar as taxas mais previsíveis e suportáveis, em troca de um compromisso firme e demonstrável de reforma pelos países credores.

Pagamento impossível

O pagamento dos US\$ 400 bilhões de dívida externa dos países latino-americanos é "econômica, matemática e moralmente" impossível, afirma o presidente cubano Fidel Castro, em entrevista que o diário **L'Humanité**, órgão do Partido Comunista Francês, publica hoje.

Fidel Castro diz que a dívida "já está paga", pois "os países do Terceiro Mundo financiaram o desenvolvimento dos países industrializados com uma escravidão que durou séculos", sem falar do que "pagamos de mais pelos produtos que importamos e do que recebemos de menos por nossas exportações".

Os países latino-americanos não poderão "nem sequer pagar os juros" da dívida, "diabólico mecanismo de exploração de nossos povos", afirma o chefe do governo cubano.

A dívida "deve ser anulada, e os países credores devem compensar os bancos, através da redução dos gastos militares", assinala, indagando em seguida: "Sabe você que nos últimos cinco anos a América Latina transferiu US\$ 120 bilhões para os países capitalistas desenvolvidos?"

A entrevista foi concedida a Roland Leroy, integrante do Biro Político do PCF e diretor de **L'Humanité**.